



por Curtis Yarvin (Mencius Moldbug)

[ [The Clear Pill, Part 2 of 5: A Theory of Pervasive Error](#) - Tradução de Giacomo de Pellegrini ]

## A arquitetura evolutiva do despotismo distribuído

*Este ensaio é o segundo de uma série de cinco partes. Cada parte pode ser lida separadamente, mas convidamos você a ler a parte 1 [aqui](#).*

Erro generalizado é qualquer distorção sistemática e significativa do pensamento que afeta todo o discurso de uma civilização.

Superstições populares não se qualificam. A moda flui em direção às elites sociais. A difusão genuína deve comprometer as elites.

As elites também participam desproporcionalmente na governança. Em casos históricos de erro generalizado, vemos frequentemente uma etiologia soberana. Podemos esperar que nossa teoria toque de alguma forma no poder e no Estado.

O que é o máximo que devemos esperar. Só podemos construir uma teoria útil do erro generalizado, trabalhando com cuidado a partir dos princípios axiomáticos, e não da realidade observada - pensando logicamente, não cientificamente.

Eu sei que isso é estranho. Vamos começar justificando essa metodologia não convencional.

### A maneira errada de pensar sobre o erro generalizado

Ao explorar o que pensamos ser um erro generalizado, nosso reflexo é raciocinar indutivamente, do fenômeno à causa próxima à causa final - como uma investigação criminal, pelo menos na TV.

Como vivemos em uma sociedade científica, pensar cientificamente (ou tentar) é sempre o nosso primeiro reflexo. Isso por si só sugere que a investigação indutiva de erro generalizado é infrutífera. Erro vulnerável à resposta normal não seria generalizado.

Caso isso soe muito inteligente, vamos imaginar um cenário melhor.

Abençoado por uma herança repentina, você financia investigações paralelas profissionais



de muitos erros plausíveis, todos executados com os mais rigorosos padrões forenses. Você obtém documentos secretos em abundância.

E você obtém resultados positivos impressionantes. Apenas coisas incríveis. Pé Grande matou JFK. E isso é apenas o começo [...]

Você começa a publicar este material. Alex Jones, Oliver Stone e John McAfee vêm à sua casa. Eles encenam uma intervenção. Eles estão todos assim: cara, nós amamos você. Você tem que cortar o DMT.

Mas você está completamente sóbrio. Você simplesmente explodiu suas mentes pequenas. Você deve continuar [...]

E o que esse sucesso surpreendente lhe proporciona? Você aprendeu apenas uma coisa: esse erro generalizado é real. Você já não tinha certeza disso? Então, o que você aprendeu?

Você está mais perto de encontrar uma causa simples para todas essas anomalias - para explicá-las? Por que o Pé Grande matou o JFK? Você realmente tem algum tipo de história positiva? Como você não estava procurando, provavelmente não encontrou.

A tentação normal é parar em alguma contradição, alguma falha na bela tela azul do céu e não procurar nenhuma causa - ou pior, procurar causas baratas e chamativas de pouca ou nenhuma veracidade. Evidência não é compreensão. A evidência é apenas uma pergunta. Uma pergunta não é uma descrição. Um mistério não é uma história.

Ao investigar para trás, você acaba detectando erros generalizados repetidamente. Você se torna um alarme de carro. Talvez você espere que esse rito convoque um poder superior. Certamente não convocará a polícia.

Seus resultados nem são úteis para evangelismo. Antes disso, os infiéis eram cegos; eles pensavam que estava tudo bem. Ou pior - eles pensavam que você era o problema. E depois? Você foi o primeiro a liderar este cavalo? Ele já não começou a beber?

O cavalo já está na água, até os jarretes; você o afogará antes que ele beba; antes disso, ele vai te afogar. Este não é o caminho.

## **A maneira correta de pensar sobre o erro generalizado**

Portanto, vamos evitar a questão factual de saber se o erro generalizado existe. Em vez disso, faremos uma pergunta teórica: se existisse um erro generalizado, como seria? Como



isso funcionaria? Como esperaríamos que seus efeitos fossem?

Uma resposta bem formada é uma prova construtiva. Nós raciocinamos adiante - da causa final, à causa próxima, ao fenômeno. A maneira de explicar o erro é projetar o erro.

Uma vez que esse projeto de erro seja apresentado com clareza, qualquer pessoa pode compará-lo à realidade que acha que vê ao seu redor. Se eles vêem uma correspondência, eles têm uma explicação.

Caso contrário, talvez haja outra explicação. Ou talvez não haja nenhum erro. No final, todo mundo faz essa ligação sozinho. Seu cavalo é um cavalo. Eventualmente, ele vai ficar com sede.

## **Dissecando o ornitorrinco**

Antes de nós existe um problema difícil. Vamos começar com alguma prática.

Os vivos precisam de um tratamento delicado. Os vivos resistem à filosofia. A história é um cadáver; podemos cortá-lo como quisermos. Mesmo que tudo o que precisamos dissecar seja um chimpanzé, um cachorro e até um ornitorrinco, não há melhor treinamento.

Um exemplo recente e direto de erro generalizado é o *Gleichschaltung* - talvez "alinhamento de trilhas" sirva, ou apenas "coordenação" - das mentes públicas de regimes totalitários como o Terceiro Reich e a União Soviética.

Na Alemanha nazista e na URSS, a opinião pública estava sob o controle administrativo do regime. Toda ideia que se opunha ao Estado era oposta ao Estado.

Estes eram Estados da selva. Que outra lei a selva decreta? Como Stalin disse: "as ideias são mais perigosas que as armas. Não deixamos que nossos inimigos tenham armas; por que devemos deixá-los ter ideias?"

Você pode ter visto alguns argumentos para o controle de ideias ultimamente - cada um deles com uma versão suave disso. Como Stalin não poderia estar mais certo, não surpreende ver sua lógica ressuscitada.

Mas a aniquilação sistemática de verdades sediciosas é apenas a forma mais simples de erro generalizado no Estado total do século XX. *Gleichschaltung* não é censura; não é apenas uma função booleana. As palavras na página não são meramente cortadas ou apagadas. O poder não exclui apenas o texto. O poder o edita.



Na coordenação dos Estados totais, o poder curvou todos os pensamentos que poderiam ser curvados para servi-lo. A marca do Estado orwelliano não é apenas a ausência da verdade, mas seu funcionamento por mentiras. À medida que as mentiras são otimizadas, elas crescem cada vez mais; a realidade, como no final da União Soviética, torna-se uma ilusão suja e cinzenta.

## **Um quebra-cabeça na coordenação autoritária**

Um quebra-cabeça no estudo do erro generalizado nos Estados totais é a grande variação em sua morbidade e mortalidade. Às vezes a condição é bastante letal; em outros casos, muito mais suave.

Um dado extremo é a biologia lamarckiana de Lysenko. Como até a biologia pode ser politizada? Para Lysenko, a educação teve que derrotar nucleotídeos, mesmo no trigo - afinal, um mero primo palatável do novo homem soviético.

Pelo menos de acordo com a Wikipedia, não conhecida por seu veneno anticomunista, milhões morreram na fome da agricultura [lisenkoista](#) - impulsionada por uma edição política da biologia - uma ideia mais perigosa do que uma bomba de hidrogênio.

E, no entanto, vemos o mesmo controle central sobre a opinião pública em outras ditaduras, como hoje a China ou Cingapura ou mesmo a Inglaterra Tudor, todas obviamente muito mais benignas. Além de seus números de atrocidade estarem abaixo dos padrões de meados do século, o grau de dano cerebral que infligem à mente do público também é muito menor.

Até a produção artística da era elizabetana é notável. No entanto, Elizabeth acreditava tanto em "liberdade de expressão" quanto Xi Jinping.

Não é tão difícil explicar esse quebra-cabeça. Quando observamos o Holocausto, o Gulag, a Revolução Cultural etc., observamos não apenas o Estado total, mas o Estado total em um estado de guerra total.

Os regimes de Stalin e Mao cometeram atrocidades épicas fora das guerras literais, mas formam a exceção que prova a regra. Durante suas épocas de grande massacre, os regimes leninistas estavam sempre psicologicamente em estado de guerra civil.

No entanto, ninguém deve anular a segurança de qualquer paz demente. A guerra sempre tem uma causa. Essa causa raramente parece sensata em retrospecto, mesmo para o vencedor e sempre para o perdedor.



Mas *Gleichschaltung* não espera nenhuma guerra. Em 1935, a revista de gatos de Victor Klemperer já dizia respeito ao “gato alemão”. Tudo na sociedade alemã que pode ser nazista tem que ser nazista. Caso contrário, para a maioria dos alemães, a vida antes da guerra ainda é quase sempre normal. Os alemães em 1935 certamente não se consideram em guerra.

Ausência de assassinato em massa não prova ausência de loucura em massa. O último parece necessário, mas não suficiente, para o primeiro. Isso não deve ser lido como uma descoberta tranquilizadora. É um clichê conectar o Holocausto ao “gato alemão”. Os invejosos devem tomar cuidado – os clichês geralmente acabam sendo uma boa história. E o dissidente não tem desculpa para um único erro. Sim: distorção política da mente pública é bastante perigosa. Também é normal e onipresente. Seja cuidadoso!

### **No entanto, não crescerão esporões venenosos em nossos quadris**

Os Estados Unidos são uma democracia liberal. Não existe loucura em massa aqui. Nem pode haver. Nossas revistas para gatos não lançam suásticas e começam a reclamar sobre a pureza da raça felina.

Graças à profunda força das instituições democráticas dos EUA, seus políticos nunca serão capazes de sequestrar o governo, muito menos a mente pública. Eleito o presidente Hitler, e ele não teria ferramentas para fazer uma *Gleichschaltung* americana.

O que exatamente ele faria? Quem ele usaria para fazer isso? Quando procuramos as estruturas e ferramentas que todos os regimes autoritários, elisabetano, stalinista ou bizantino, usaram para gerenciar a mente pública, simplesmente não as vemos aqui. Não há Goebbels, nem Ministério do Esclarecimento Público. Não há esporões venenosos.

Este cadáver continua sendo um ornitorrinco. Como nossos pacientes, o ornitorrinco é um mamífero com um fígado. Mas não precisamos verificar nossos pacientes em busca de glândulas venenosas inflamadas. Então, estamos a salvo de erros generalizados, certo? Bem – há outra possibilidade. Parece improvável, mas –

### **A porca de Jesus**

Logicamente, ou as democracias liberais são inerentemente livres de erros generalizados ou algum outro mecanismo pode causar erros generalizados nas democracias liberais.

As democracias liberais não têm ditador, centro ou ponto de coordenação. Estamos



procurando por um mecanismo que possa causar erro generalizado sem coordenação central: *Gleichschaltung* sem Goebbels.

No modelo ocidental de governo do século XXI, o consenso da elite é estabelecido por um mercado de ideias. Essa narrativa de consenso impulsiona as políticas públicas, que existem dentro da realidade do consenso. Se esse mercado, de alguma forma, não funcionar corretamente [...]

Vamos afirmar que um serviço público normal do Primeiro Mundo sempre implementará políticas razoáveis em relação à verdade em que opera. No entanto, se o mercado de ideias falhar e gerar uma narrativa ilusória, políticas que sejam competentes e razoáveis dentro dessa ilusão podem se mostrar incompetentes e irracionais na realidade.

Vamos nos concentrar, portanto, na integridade da narrativa pública - que geralmente é desenvolvida fora do serviço público.

Em um helicóptero, há uma parte chamada “porca de Jesus”, porque prende o rotor ao eixo de transmissão. Este pequeno anel de aço é tudo o que existe entre você e o próximo mundo. Nas democracias modernas, os mercados da verdade desempenham uma função comparável. Eles são tudo o que está entre nós e a ilusão em massa orwelliana, homicida ou não.

Qualquer coisa importante é sagrada de uma maneira muito real. E, de fato, muitos parecem envolver seus instintos espirituais nesses mercados. Isso é compreensível, mas errôneo. Não reze para a porca de Jesus - verifique se há rachaduras.

Um mercado de ideias é uma máquina. O objetivo da máquina é rejeitar o erro e descobrir a verdade. A presença de erro generalizado na bandeja de saída da máquina indica mau funcionamento. Esse mau funcionamento é uma falha de engenharia e pode ser depurado como tal. Nenhum sentimento místico precisa ser engajado.

## **Depurando seu mercado da verdade**

Suponha que seu mercado da verdade, sendo oráculo infalível, esteja cuspiendo verdades bugadas. Os planos sensatos feitos em sua narrativa parecem sempre falhar, geralmente enquanto os planos idiotas que a contradizem são bem-sucedidos. Embora você não tenha um mercado paralelo isolado para testá-lo, suspeita que seus burocratas estejam dirigindo em Las Vegas com um mapa de Reno.



É sempre melhor depurar adiante. O que poderia estar causando esse *bug*? Como pode um mercado livre de ideias, não coagido por qualquer ministério, ainda gerar erro generalizado? Vamos trabalhar sistematicamente em todas as maneiras pelas quais o dispositivo pode falhar.

O modo de falha mais óbvio e comum em qualquer máquina da verdade construída com base na sabedoria das multidões é uma falha na qualidade da multidão. Felizmente, nossa democracia tem esse problema coberto. Mas vamos analisar o código de qualquer maneira.

Um mercado de ideias é um sistema darwiniano; evolui o que escolhe; seleciona pelo gosto coletivo de seu público. Um consenso crítico é tão bom quanto os críticos de que é feito.

O pensamento mágico neste espaço é comum. As multidões podem combinar e purificar o conhecimento que possuem, e não reunir o conhecimento que lhes falta. Uma multidão de agricultores aleatórios fará um ótimo trabalho ao avaliar o peso de um touro; mas menos para avaliar a contribuição de um artigo de física.

Dominando de alguma forma suas qualidades igualitárias, nossa sociedade fez uma bela exceção à tirania do prestígio e ao domínio dos especialistas. Nunca pergunta aos agricultores o que eles acham dos artigos de física. O problema da qualidade da multidão é um problema real, mas resolvido – em grande parte.

As democracias do século XX adotaram uma abordagem simples para garantir a qualidade de seus mercados da verdade: separaram a opinião pública em dois níveis, informadas e instruídas. De muitas maneiras, essa arquitetura sensata, aproximadamente tão antiga quanto o metrô de Nova York, ainda está funcionando perfeitamente como projetada.

A opinião pública informada é o consenso do nível superior: os melhores generalistas, que confiam apenas nos melhores especialistas; portanto, os melhores especialistas em si. A opinião pública instruída, no nível mais baixo, vai à escola e depois assiste às notícias, recebendo uma educação básica ao longo da vida na opinião informada.

Muitos tipos de falhas instrucionais podem interromper esse processo. Como dissemos no início, não nos interessam aqui. Estamos interessados apenas em erros no consenso de especialistas – não em falhas na comunicação desse consenso, por mais vastas que sejam.

Essa simplificação esclarecedora exclui todos os tipos de bobagens supersticiosas de baixo grau. Não é novidade que a maioria das pessoas é supersticiosa. É novidade que a vacina contra esse vírus, embora eficaz, esteja contaminada com um vírus diferente.



Por isso, reiteramos nosso foco na elite, no consenso de especialistas, nos mercados de ideias de maior talento, maior prestígio e nível superior. O conjunto de forças que podem distorcer esses mercados é menor e mais interessante. E ideias fluem para baixo dela, não de cima para ela. E não há escassez nenhuma de talento humano bruto, presente ou projetado, entre esse quadro superior.

Isso não é para negar a existência, prevalência ou mesmo perigo de superstições populares. Tais superstições são sempre melhor combatidas com a verdade. E mesmo o elitista mais fanático deve admitir que, às vezes, os camponeses são burros demais para serem enganados.

## **Outros modos de falha nos mercados narrativos**

As ideias em um mercado reproduzem, mudam e são selecionadas. São sistemas darwinianos: projetados para evoluir a verdade. Os sistemas darwinianos são surpreendentes. Eles não evoluem o que você deseja. Eles desenvolvem o que selecionam: leão ou carrapato, ornitorrinco ou homem.

Obviamente, queremos que o nosso mercado da verdade evolua a verdade. Para que ele realmente está selecionando?

Todo mercado de ideias é um dispositivo estético. Ele seleciona as ideias mais bonitas – de acordo com o gosto do seu público. Um mercado mede o desejo; desejo é beleza em ação. E, medindo a beleza, medimos a verdade, porque a verdade (como disse Keats) é linda.

Visto de uma perspectiva estética, toda ideia é uma história. Um mercado de ideias é um mercado para histórias. Uma ideia pode ser qualquer tipo de história, factual ou fictícia; até uma música ou um filme. Todos os mercados criativos são afetados pelos fenômenos que descreveremos.

Mas os mercados de ideias mais importantes são aqueles que pretendem contar uma história, verdadeira e verdadeiramente ilustrativa, sobre o mundo real. Abusando apenas um pouco da língua, podemos denominar essas histórias. A definição é ampla o suficiente para incluir toda a ciência – ou, como era conhecida, a história natural.

Nossa narrativa de consenso da realidade é o produto de saída da máquina, que é o nosso mercado para belas histórias. Do ponto de vista de nossa segurança epistêmica coletiva, a integridade desse mecanismo é da maior importância possível.





É fácil ver a vulnerabilidade explorável. Um mercado para histórias bonitas sempre é um mercado para histórias verdadeiras? Sim, porque a verdade é bela e as mentiras são feias. E - não, porque outras qualidades também podem ser bonitas.

Essas qualidades não podem cancelar o efeito Keats. Mas se pudessem dominá-lo, o resultado seria uma bela mentira.

Um mercado de ideias só pode medir a verdade medindo a beleza. Se beleza não é verdade, assumimos que beleza é verdade mais ruído branco. Dada uma audiência suficientemente grande de alta qualidade média, essas peculiaridades de gosto individuais serão canceladas, deixando apenas a verdade consistente e de alta qualidade prometida no panfleto.

É melhor que essa suposição seja verdadeira! Se os desvios da verdade não são ruído branco, mas seu próprio sinal coerente, a média não os filtrará. Esses sinais passarão pelo mercado e emergirão na saída, competindo com a verdade.

Qualquer sinal estético competitivo é um vetor de ataque à integridade de qualquer mercado da verdade. Somente a beleza pode ser medida. Qualquer divergência entre verdade e beleza pode ser explorada.

Sinais estéticos concorrentes são o motivo pelo qual, mesmo quando algum mecanismo de seleção de multidões (normalmente algum tipo de disputa de corrida) filtra níveis quase mágicos de talento humano, a sabedoria das multidões ainda não é mágica.

## **Como funcionam as belas mentiras**

Vamos chamar qualquer fonte de beleza que não esteja relacionada à verdade uma inclinação estética. Assim, podemos falar de um mercado da verdade inclinado, que corre o risco de produzir não histórias verdadeiras, mas apenas mentiras bonitas. Vamos ver um pouco mais de perto como as belas mentiras funcionam.

A ficção nunca se apresenta abertamente na seção de história. Uma mentira não é uma ficção; finge ser verdade. Toda a inclinação do mundo não pode fazer um mercado da verdade endossar uma ficção nua.

Claro, algumas pessoas são sociopatas. Na verdade, elas acham mentiras intrinsecamente bonitas, úteis ou ambas. Os sociopatas são raros e difíceis de entender, e é difícil imaginar um público puro deles. Sempre há sociopatas suficientes para preencher um nicho, nunca o suficiente para preencher uma sala. Portanto, é difícil para os sociopatas influenciarem o



mercado. (Se você imagina que há algum partido, tribo, classe ou nação de sociopatas, isso é muito triste e você deve parar.)

A verdade é inerentemente bela. Mentiras são inerentemente repulsivas. Um mercado para histórias funciona seguindo essa inclinação estética em direção à verdade e longe das mentiras. Um mercado da verdade saudável é um mercado cético; ama nada mais do que expor mentiras ao expor verdades.

Um mercado para histórias funciona usando a atração estética de seus críticos pela verdade para distinguir a verdade do erro. A imagem invertida dessa estética é a qualidade repulsiva do engano.

No entanto, o próprio ceticismo, embora lógico, é um processo estético. O processo cético, implementado pelo cérebro, ainda deve ser inspirado pelo nariz. Sempre começamos cheirando a mentira.

Mentiras bonitas - explorações no mercado da verdade - são bem-sucedidas desativando nossas defesas céticas. O inverso de uma mentira bonita é sempre uma verdade feia. Se não há repulsa estética líquida à bonita mentira e nenhuma atração estética líquida à verdade feia, os dois encontraram um campo nivelado - e ambos podem vencer.

## **Outras belas qualidades**

Temos agora um perfil de destino específico: belas qualidades que não são a verdade. Uma mentira bonita é uma bomba. Inclinações estéticas são seus explosivos.

Uma inclinação estética é sempre e em toda parte uma emoção. Mesmo os especialistas mais eruditos não são vulcanos; eles sentem as mesmas emoções, deixando de lado o autismo esporádico ligado ao QI, como todos os outros seres humanos. Experiência e inteligência são, no máximo, pares de emoção, nunca seus mestres.

Vamos explorar duas qualidades que podem inclinar esteticamente os mercados da verdade. São as duas emoções. Usaremos as palavras gregas para elas: *thymos* e *pistos*. Vamos chamar as histórias que os evocam de hinos timóticos e fórmulas pistoicas.

Caso isso seja grego demais para uma refeição, *thymos* está entre ambição, honra e vaidade, e *pistos* entre lealdade, fidelidade e servidão. E os dois, embora logicamente distintos, estão intimamente relacionados. Como veremos, a maioria das explorações reais usa ambas.

Em nove em cada dez vezes, mostre-me um mercado defeituoso da verdade e mostrarei uma



bandeja de saída entupida de hinos pegajosos. Alguns desses hinos serão bons, doces e verdadeiros; todos serão doces. Nosso político guloso é a rachadura na porca de Jesus.

No entanto, doçura não é um vício inerente. Precisamos de lembretes constantes de que nossos sinais estéticos concorrentes não se opõem à verdade. Eles não estão relacionados à verdade. Às vezes, eles até se alinham perfeitamente com isso.

Provavelmente existem tantas verdades bonitas quanto mentiras bonitas; possivelmente há mais; o mercado as abraçará com mais avidez do que já merecem. Todo mundo tem algum amigo que merecia ter sucesso e conseguiu - mas não porque mereceu. Tanto faz. O verdadeiro problema é quem ganha, apesar de merecer perder.

### ***Thymos*: o desejo de se importar**

Há muito tempo, em uma galáxia muito, muito distante - em 1936, para ser mais exato -, um cara chamado Dale Carnegie escreveu um livro chamado “Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas”. O livrinho de Carnegie vendeu mais que a Bíblia por anos, então talvez houvesse alguma coisa nele.

Talvez o princípio mais importante do livro - que não é injusto chamar de a lei de Carnegie - seja de que as pessoas gostem de se sentir importantes. Para fazer com que as pessoas gostem de você, faça com que elas se sintam importantes. Os vigaristas sabem bem disso.

*Thymos* é o desejo humano natural de ser importante. Poder e importância são sinônimos; ninguém importante não é poderoso; ninguém poderoso não é importante.

Os gregos dividiram a alma em três partes. Vamos chamá-las de *logos*, *eros* e *thymos*: razão, desejo sexual e desejo político. A razão é semelhante, não mestre, a essas duas necessidades fundamentais.

A mente pública parece em grande parte a salvo de *eros*, um desejo particular. Poderíamos imaginar um regime lascivo? A história aqui e ali flertou com essa visão infernal. Mas *eros* sempre fará uma boa analogia com sua colega luxúria.

Pois o *thymos* é onipresente hoje. Vemos isso em todos que querem “mudar o mundo” ou “causar impacto”, ou simplesmente se importar. *Thymos* é significado. O desejo de significado é ambição, um instinto humano universal.

Um hino é qualquer história que satisfaça o desejo tímótico - uma história que faz você se sentir importante. A lei de Carnegie nos diz que as pessoas naturalmente acharão os hinos



bonitos.

## Quatro temas para hinos

Como literatura, o hino é um gênero, como romance ou *noir*. Enquanto um número infinito de romances pode ser produzido, todo o gênero é construído sobre uma lista bastante finita de temas.

O mesmo vale para o hino. Vejamos quatro temas para hinos: vitória, punição, rebelião e generosidade. Este conjunto pode ou não estar completo.

A vitória é o tema de tomar o poder. Um hino da vitória é uma tautologia. Se ganhar não é importante, não está ganhando. Se for, deixa você mais poderoso do que antes.

Punição é o tema da aplicação do poder. Um hino de punição é uma desculpa para a crueldade. O que poderia ser mais doce?

Qualquer ato punitivo, mesmo simbólico, constrói força e confiança no punidor, enquanto humilha e enfraquece a vítima. Há pouca coisa que um chimpanzé goste mais do que forçar outro chimpanzé a sofrer. Nossos primos podem compartilhar um senso de certo e errado. Certamente, quando mordem as bolas de alguns rivais, sentem que estão impondo justiça. Eles certamente se sentem importantes.

Rebelião é o tema da interrupção do poder. Destruir o poder de outra pessoa é inerentemente uma demonstração de poder; usar ou mostrar poder é conquistá-lo. O disruptor não precisa esperar ganhar, nem mesmo ser um sujeito do poder. Rebelar-se por dentro é insanamente perigoso. Ajudar outras pessoas a se rebelar é quase tão emocionante e muito mais seguro.

Generosidade é o tema da construção de poder. O poder é feito de obrigações sociais. A maneira de criar obrigações sociais é ajudar outras pessoas de graça - em dinheiro ou em bondade.

Suponha que você transfira algum valor para outra pessoa. Se a transferência cumprir ou criar uma obrigação legal, você estará negociando. Caso contrário, você é um patrono.

Onde a generosidade é infrequente, imprevisível e desnecessária, a obrigação que ela cria é meramente social. Uma vez que a generosidade é regular e necessária, o vínculo também é econômico. Esses vínculos se misturam fluidamente em um relacionamento instintivo entre patrão e cliente.



Até a palavra em inglês “*lord*” vem do saxão *hlaford*, ou “*loaf-guard*” (guarda de pão). *Lord* (Senhorio) é aquele que protege seus carboidratos. Ser forte é ter um exército. Para subir, torne-se um guarda de pão; quem alimenta um exército, comanda um exército.

## Uma tapeçaria de temas para hinos

Os hinos geralmente combinam vários temas. Por exemplo, aqui está um pensamento: vamos roubar Pedro para dar a Paulo, mas não aceitamos nenhum corte. Sem corte, não há ganho direto, portanto, este não é um hino da vitória.

Mas ainda estamos punindo Pedro – não roubando-o, o que seria errado, mas impondo uma multa que ele deve por algum crime. Ainda estamos concedendo generosidade a Paulo – não como um ganho imerecido, mas como pagamento de alguma dívida que lhe é justamente devido.

Não podemos literalmente dizer, ou mesmo pensar, que estamos atirando nossas pedras machucando Pedro e nos sentindo grandes ao apadrinhar Paulo. Mas se encontrarmos uma história que narra a injustiça de Paulo e o crime de Pedro, a acharemos bela. Esta é a história que importa!

É assim que o *thymos*, a ambição, contamina o *logos*, a razão, deixando um mercado da verdade escolher e desenvolver meras mentiras bonitas.

## Vaidade, empatia e mimese

Ainda usando o mesmo exemplo, vamos aprofundar mais a psicologia de um hino.

Nem o criador da história acima nem seus consumidores pensam (a menos que sejam os raros sociopatas) que o objetivo do ato que propõe é ganhar poder sobre Pedro e Paulo.

Essa intenção é a coisa mais distante possível de suas mentes, que não estão operando no nível maquiavélico. Se pessoas normais, são bastante sinceras em suas vozes literais.

Obviamente, elas sentem alguma paixão por sua razão. Certamente, atribuem esse formigamento a uma emoção diferente: *agape*, significando caridade ou empatia.

Ao contrário do *thymos*, o *agape* não deve contaminar o *logos*, porque logicamente é altruísta implementar o altruísmo. Essa é uma teoria interessante – que leva ao mundo do “altruísmo efetivo” -, mas é claro que a vaidade não tem nada a ver com empatia.



## ***Agape* contra *thymos***

O poder do *thymos* de imitar o *agape* facilita ver como os dois lados pensam que estão prestes a lutar uma guerra de zumbis.

Outros humanos que falham em responder aos cânticos da empatia que movem todos os corações normais devem ser frios, desumanos e até maus. Os zumbis devem ser combatidos com a fúria fria dos zumbis. Assim, ambos os lados se vêem como humanos contra zumbis.

Mas como podemos ver a diferença? *Agape* é real. Mas funciona de acordo com regras diferentes.

O instinto natural da empatia social nunca é uniforme. Sempre diminui com a distância social. É, portanto, unido, tribal e nacionalista. Nos seres humanos ancestrais, tende a ir a zero até a antipatia, geralmente homicida, quando na fronteira natural mais próxima.

Por um milhão de anos, os jovens matariam estranhos à vista, como fazem os chimpanzés. Nossos genes são absolutamente horríveis. Esse instinto social natural pode ser aproveitado na governança civilizada; não pode ser ignorado; definitivamente não deve ser usado “como é”.

Aquele *agape* humano verdadeiramente uniforme, não clã ou tribal ou nacionalista, pode ser definido, não duvidamos. A empatia uniforme certamente não é a emoção de um chimpanzé. É a emoção de um anjo, ou pelo menos um santo.

Santos existem. Qualquer um pode criar uma constituição para eles. Todos devem se abalar diante do zelo de qualquer engenheiro constitucional que se recusa a projetar uma máquina para os clientes pecadores como eles são, em vez disso, projetando uma para a nação dos santos que, após sua iminente revolução espiritual, devem se tornar.

Portanto, somos duplamente justificados em suspeitar que a suposta empatia contenha pelo menos alguma dose de ambição. A maioria dos *wasabi* é rábano tingido. A maioria das pessoas que experimentam *wasabi* de verdade prefere o rábano.

A verdadeira empatia tem seus encantos; fornece argamassa política duvidosa. A ambição é apenas um material de construção melhor. Não só é muito mais barato, como geralmente é mais atraente.

*Thymos*, desavergonhado como qualquer desejo, fica feliz em se envolver em qualquer forma de empatia, instintiva ou santa. A empatia instintiva é naturalmente bonita; empatia



santa é sobrenaturalmente bonita. Já que o *thymos* também é bonito, ambos são um excelente disfarce.

Uma maneira de testar a suposta empatia por uma ambição mais profunda é verificar sua resposta a resultados decepcionantes. A verdadeira empatia é lógica; por mais que se preocupe, apenas se preocupa com resultados. A caridade persistentemente ineficaz ou contraproducente muitas vezes esconde ambição.

Podemos encontrar pares de histórias comparativamente empáticas, das quais apenas uma é um hino. Se o hino for muito mais bem-sucedido, o mercado de histórias provavelmente está selecionando ambição.

Considere duas histórias de mudanças climáticas. Sugere-se que a melhor abordagem para a questão seja restringir o consumo. Outro sugere alguma resposta técnica: energia nuclear, geoengenharia ou captura de carbono. Como restrição é coerção, é punição, é um hino. Geoengenharia, ou qualquer outra coisa, não é.

Supondo que as duas opções sejam igualmente sensatas na realidade (certamente uma suposição infundada), esperaríamos que o hino fosse muito mais popular no mercado de ideias. E de fato é.

### ***Pistos: o desejo de seguir o poder***

No final do século XIX, Gaetano Mosca cunhou seu conceito de fórmula política. Uma fórmula política é uma história que serve ao regime. Quanto mais as pessoas pensam, mais forte é o regime. Em outras palavras: uma fórmula deve ser objetivamente leal.

Política é uma palavra instável; o que Mosca quis dizer era soberano. E nem todos os poderes são soberanos; nem a soberania está implícita em *pistos*, a palavra grega para lealdade a qualquer mestre. Portanto, um caso mais geral do fenômeno seria uma fórmula pistoica.

Essa generalização nos dá uma maneira de mover o problema para fora da área complicada do poder soberano e para o território mais conhecido do poder corporativo.

Se uma fórmula política é propaganda, uma fórmula corporativa é marketing – ou, pior, cultura interna, como a música de uma empresa zaibatsu japonesa. Hollywood ensinou a todos os adultos ocidentais como entender e neutralizar a propaganda corporativa assustadora.



Suponha que você leia sobre uma nova pesquisa que sugere que as mudanças climáticas não são tão ruins assim. Pode até ser bom! Esses pesquisadores têm as melhores credenciais possíveis: *Harvard all the way, yadda yadda*.

A boa notícia estava prestes a fazer o seu dia inteiro. Então você olhou mais de perto. Esses “cientistas” foram realmente financiados pela Exxon. Opa, desculpe por encaminhar isso. Claramente, como se costuma dizer no futebol italiano, *è pagato*. Bem, qualquer um pode se virar para o lado sombrio.

## **Como a lealdade realmente funciona**

Na verdade, você está errado sobre isso – mas também continua certo. Exxon tem classe. Ninguém com classe jamais pagaria a um cientista por resultados úteis. Nenhum cientista com classe jamais os venderia. No entanto, sua percepção básica permanece basicamente correta.

Lealdade é uma emoção, não uma razão. “Pago meus impostos caso contrário a polícia vai à minha casa” não é uma fórmula política, porque não é um vínculo estético ou emocional. “Pago meus impostos porque esse dinheiro apoia boas obras” é uma fórmula política. (O que não prova que isso seja falso.)

Os cientistas financiados pela Exxon são leais à Exxon. Esta não é uma transação comercial; é um apego emocional. Generosidade não é um empréstimo. Lealdade não é uma dívida.

Mesmo que esses cientistas sejam tão capazes e honestos quanto qualquer santo, seu julgamento estético é inclinado. É inevitável que eles percebam dados que apoiam os interesses de seus clientes como claros e representativos, e dados que se opõem a esses interesses como ruídos e enganosos.

Eles só podem buscar hipóteses favoráveis ao seu patrono. Podem apenas relatar dados que suportam suas hipóteses. Nessas ou em milhares de outras formas inconscientes, esses cientistas tenderão a gerar apenas documentos que são fórmulas corporativas para a Exxon.

A resposta sensata é não depurar o trabalho deles, apenas ignorá-lo. A ciência não deve ter um conflito de interesses. (A Exxon, na vida real, há muito tempo reconhece a futilidade desse esforço.) Podemos apenas dizer: nunca confie no conteúdo da ExxonMobil.

Ok: prepare-se para um pouco de desconforto.





## Como a lealdade soberana realmente funciona

Outros cientistas do mesmo calibre estão realmente trabalhando no mesmo problema. Seu financiamento não vem da Exxon, mas da NOAA (*National Oceanic and Atmospheric Administration*). Não é corporativo, mas soberano.

Bem, está tudo bem! Mas espere: no que diz respeito aos interesses da NOAA, a relevância das mudanças climáticas é, se é que há algo, mais aparente. NOAA tem um processo para o orçamento. Esta pesquisa é pelo menos tão relevante para o fluxo de caixa da NOAA quanto para a Exxon.

E se os cientistas forem leais ao NOAA? Ou ao próprio USG (*United Scientific Group*)? No entanto, ninguém diz: nunca confie no conteúdo da NOAA. Hum.

Em quem mais você confiaria? Quem estuda ciência do clima, ainda não é profissionalmente leal a instituições que crescerão mais e mais se o público se preocupar mais com as mudanças climáticas? Ninguém, mais ou menos. Hum.

Se aplicarmos o mesmo padrão de conflito da Exxon, também excluiremos todos os especialistas reais. Quer eles estejam ou não com os funcionários da NOAA e de outras agências, seus subsídios são de lá.

Portanto, não temos informações confiáveis, a menos que optemos por tolerar esse óbvio conflito de interesses, por algum motivo improvisado (eleições?) que parece remoto, místico e superficial.

Se temos um livro de regras epistêmicas para a Exxon e outro para a NOAA/USG, cavamos um profundo buraco filosófico. Mover-se precisará de uma ótima explicação de por que o que parece exatamente um pedido especial, motivado pela lealdade emocional ao poder, não seria o caso.

Se usarmos as regras da NOAA para todos, qualquer falha no Excel e um orçamento podem resultar em qualquer coisa. E se usarmos as regras da Exxon para todos, nada saberemos sobre ciência climática - e alguns outros campos.

Esta questão não está confinada à NOAA.



## **Avaliação de campos e métodos comprometidos**

Um campo do discurso de especialistas é vulnerável a essas inclinações estéticas se as proposições nesse campo tiverem implicações no mundo político real. É mais fácil listar os campos invulneráveis - há menos.

O pensamento não afetado será encontrado sempre que nenhum pensamento válido for hino ou fórmula. A instituição da matemática pode ser politizada. A matemática em si não pode. Não existe uma prova (politicamente) ambiciosa ou leal. O mesmo vale para astronomia, botânica, química e muitas outras ciências puras e chatas.

Em nosso velho amigo, o ornotorrinco totalitário, os mesmos campos tendiam a ser imunes - com exceções bizarras ocasionais que provam a regra, como a biologia de Lysenko ou a "física alemã". Quando olhamos para toda a academia soviética, vemos que a matemática soviética, a física soviética, química soviética etc. são apenas ciências - talvez com padrões críticos ligeiramente mais baixos.

Mas a história soviética, etc., é completamente contaminada e geralmente inútil. Isso ocorre porque a história tem implicações políticas e a matemática não.

Embora todos os detalhes sejam diferentes, agora vemos, em princípio, como essa ordem inteiramente descentralizada e espontânea - uma mão invisível, não benigna, mas maligna: um punho invisível - pode distorcer a percepção pública da realidade de maneira menos eficaz do que o punho visível de um clássico centralizado. despotismo.

Se generalizarmos o homem e o ornotorrinco, a democracia e a ditadura, veremos o poder em toda a sua complexidade. O poder é um ímã; inclina a verdade nos dois sentidos; pode atrair e repelir. Pode empurrar as limalhas; também pode atraí-las.

Um regime proíbe jornais de que não gosta; outro subsidia jornais de que gosta. Um reprime o pensamento; outro seduz o pensamento. O primeiro é mais feio; o último, mais enganoso. O resultado é o mesmo: todo pensamento que pode servir ao poder serve.

TLDR: na verdade, nada sabemos sobre nada, exceto matemática e ciências super-duras. Muito legal.

## **Avaliação de mercados e mentes comprometidas**

A hipótese de mudança climática é vencedora em dois mercados de informação separados: o



mercado de consenso científico e o mercado de opinião pública. Esses diferentes mercados têm diferentes interpretações de lealdade.

Dentro da academia, a suposta lealdade é a ciência como instituição – cujos interesses não precisam estar perfeitamente alinhados com os da ciência como missão.

Para o público, a suposta lealdade é ao regime – ao poder como um todo. Obviamente, os cientistas também são cidadãos, e essa inclinação também pode afetá-los. Assim, o hino punitivo da descarbonização global é particularmente atraente.

Poder é músculo. O descanso amolece; ação endurece. O poder é tão forte quanto seu último ato. O poder adora agir! Por isso, ama qualquer razão para agir.

A história das mudanças climáticas é uma das razões em maior escala. Aqueles que são leais ao poder verão isso como uma história leal e, portanto, bonita, inclinando seus sensores estéticos e potencialmente distorcendo seu julgamento crítico.

Aqui vemos quão feliz é a união de *thymos* e *pistos*. Ambição e lealdade podem contrastar; elas não entram em conflito; pelo contrário – se encaixam como hambúrguer e pão. A maioria dos hinos serve ao poder; a maioria das fórmulas implica status.

Um hino é uma maneira de se sentir importante. Uma fórmula é uma maneira de apoiar o governo. Portanto, um hino de fórmula é uma maneira de se sentir importante apoiando o governo.

Além disso, lembre-se de nosso foco na opinião informada da elite, não na opinião instruída popular. Por definição, tanto a necessidade de status e poder, quanto qualquer contribuição para as decisões políticas reais, são características da elite, nobreza ou classe governante.

Portanto, podemos dizer: um hino é uma maneira de a classe dominante se sentir importante apoiando o governo.

## **Instinto político, da biologia à história**

Até agora, focamos nas emoções individuais. Todo pensamento e ação coletivos são feitos de indivíduos; nenhuma sociedade possui *gestalt* extracorpórea mágica. No entanto, os seres humanos são uma espécie de multidão; nossos grupos, como qualquer pardal, parecem quase individuais.

Caçadores-coletores humanos e chimpanzés selvagens compartilham mais ou menos a



mesma estrutura social, que deve ter cinco milhões de anos e que pode ser dez: a tribo. Certamente nossos instintos políticos funcionaram bem para nós neste ambiente evolutivo.

Por que somos emocionalmente atraídos pela ambição e lealdade? Por que os dois são tão bonitos que podem confundir nosso senso de verdade? Porque o gosto pelas duas artes é tão crítico para o sucesso reprodutivo de um cortesão elizabetano quanto de um chimpanzé kasekela.

E se, embora esses instintos tribais ainda funcionam no mundo moderno, de que outras maneiras eles realmente não funcionavam? Isso seria tão consistente com muitos de nossos pequenos problemas biológicos. O nosso gosto pela política é tão diferente do nosso gosto pelo açúcar?

Instinto não é inteligência. Nenhum programa codificado é perfeito. Mas em um ambiente adaptável estável, um instinto que falha sistematicamente há muito tempo foi revisado pela evolução.

No mundo tribal, não apenas os instintos políticos como lealdade e ambição eram produtivos para nós individualmente - também tendiam a funcionar bem coletivamente para a tribo.

Os biólogos ainda discutem sobre a seleção de grupos, mas é improvável que uma tribo disfuncional repasse qualquer DNA. Massacre sempre foi uma opção. Enquanto você briga sem parar ao redor do fogo da caverna, a próxima tribo está pensando em como comê-lo.

Na civilização moderna, essas equações não precisam se sustentar. Qualquer um de nossos instintos pode ser perigoso individual ou coletivamente. A evolução ainda não teve tempo suficiente para ajustar nossa biologia.

## **Da emoção individual à intenção coletiva**

Muitas, se não a maioria das histórias políticas, se qualificam ou não como hinos ou fórmulas, se qualificam como intenções coletivas: planos ou agendas de ação coletiva. Mesmo muitas descrições puras são moldadas em torno de alguma intenção implícita.

Em inglês, a linguagem intencional costuma usar o imperativo futuro passivo (*what "should be" done* [o que deveria ser feito]) ou o imperativo coletivo em primeira pessoa do plural (*what "we should" do* [o que "deveríamos" fazer], estranhamente como o antigo *royal we* [N.do.T. plural majestático]).

As intenções estão sujeitas a uma análise comparativa interessante. Toda intenção implica



algum objetivo do mundo real. A intenção também é um pensamento, competindo no mercado por pensamentos. Se esse pensamento prosperar, sua popularidade poderá afetar a realidade objetiva.

Quando comparamos o objetivo explícito de alguma intenção com o impacto esperado de sua popularidade, estamos comparando maçãs com maçãs. Essa análise frutífera revela três classes de intenção, que chamaremos de maquiavélica, para-maquiavélica e pseudo-maquiavélica:

Uma intenção maquiavélica tem um impacto que corresponde ao seu objetivo. O objetivo pode não ser bom; faz o que diz na caixa.

Uma intenção para-maquiavélica tem um impacto que não corresponde ao seu propósito. Essas ideias podem ser bastante perigosas. (Muitas, é claro, são principalmente inofensivas; algumas são até benéficas.)

Uma intenção pseudo-maquiavélica não tem impacto: é pornografia timótica. Envolve instintos políticos sem mudar o mundo real - como ser um fã de esportes.

No ambiente evolutivo adaptativo, parece provável que nossos instintos políticos tenham resultados maquiavélicos muito mais eficazes. Precisamos aprender a gerenciar esses instintos no mundo moderno - ou então mudar o mundo para se ajustar a eles.

## **Impactos coletivos das fórmulas políticas**

Essa classificação nos dá uma noção mais clara da fórmula política. A definição de uma fórmula, relativa a qualquer poder, é objetiva: sua popularidade promove os interesses desse poder.

A forma mais simples de fórmula política é puramente maquiavélica, como o lema da SS de “nossa honra é lealdade” ou o leninista “sacrifique tudo pelo Partido”. Essa forma militarista de lealdade é um tanto desanimadora em nossa era mais gentil e irônica.

Lealdade intencional (tentando ajudar o Partido), lealdade emocional (acreditando no Partido) e lealdade objetiva (sendo útil ao Partido) são três coisas diferentes. Uma das verdades sombrias de Orwell é como é fácil ser objetivamente útil para um regime se rebelando intencionalmente contra ele.

Mais sutil e mais comum que a fórmula puramente maquiavélica é a fórmula para-maquiavélica - emocionalmente leal, objetivamente leal, não intencionalmente leal. O



fortalecimento do regime é uma consequência não intencional da popularidade dessa intenção. Mas essa consequência permanece bem-vinda. Isso pode ser óbvio, de qualquer forma ainda é bonita.

Uma intenção comum dessa forma é uma agenda cujo objetivo ostensivo, bom ou ruim, não possa ser alcançado sem também punir os inimigos políticos do regime. Se essa consequência não intencional raramente for anunciada, mas ainda assim fácil de ver, a agenda continuará bem-sucedida como hino e fórmula em qualquer mercado da verdade. “Piscando no mercado” é uma estratégia consagrada pelo tempo em Wall Street.

## **Erro generalizado e despotismo distribuído**

Qualquer despotismo é a tirania do erro. Ninguém sensato se importaria com um ditador benevolente que também esteja sempre certo.

Sistemas distribuídos são difíceis. É incrível quando funcionam. Não devemos nos surpreender ao ver modos de falha. Mas também não devemos ter que conviver com, ou ser governados por, erro generalizado.

Portanto, devemos admitir que o despotismo distribuído é causado pela maneira como o poder envenena os mercados da verdade. Colocar um mercado da verdade no poder é uma engenharia política doentia. Uma máquina anteriormente confiável começará a desenvolver belas mentiras. Este é um processo lento e degenerativo que não pode ser revertido.

Colocar uma igreja no comando do governo não é colocar Deus no comando do governo. Colocar um mercado da verdade no comando do governo não é colocar a verdade no comando do governo.

Voltando à nossa comparação original entre despotismos centralizados e distribuídos – ditadura e democracia, ornitorrinco e homem – é notável como esses sistemas muito diferentes convergem para o mesmo efeito de coordenação, reprimindo pensamentos que desafiam o regime, promovendo aqueles que o lisonjeiam. Contudo, a evolução distribuída muitas vezes imita estranhamente o design central.

Poder é poder. Por meio de uma pirâmide de burocratas, o Comitê Central ordenou que o verdureiro de Havel exibisse em sua vitrine seu slogan oficial: “trabalhadores do mundo, uni-vos”. Nossas lojas não têm slogans nas vitrines? Eu os vejo todos os dias; você não? Eles ainda são pré-impresos com todas as cores certas.



No entanto, nossos slogans não são tão comuns, nem nosso quadro, tão piramidal. Esta não é uma falha de poder, mas sua perfeição deslumbrante. Todo o sistema, cuja força objetiva acabamos de comparar à polícia secreta tcheca, formalmente não existe. Muito legal.

## Uma teoria do *wokeness*

Esperre. Este capítulo não deveria ser algum tipo de ataque ao progressismo?

Sim e é. Nós apenas percorremos um longo caminho. Existem menos campos minados no lado dedutivo da colina. Se você não leu este ensaio como uma teoria do *wokeness*, leia-o novamente.

Isso não é um ataque; apenas uma explicação. Teorias semelhantes não são difíceis de encontrar entre vários inimigos do progressismo. São muitas vezes declaradas como acusações, implicando *mens rea* sistêmica. Esse erro factual profundo é profundamente debilitante.

A explicação mais compreensiva é objetivamente o argumento mais forte e convincente. Minha compreensão pessoal é apenas filosófica: não emocional, apenas princípio. Todo escritor abriga *eros* e *thymos*; ambos devem ficar de fora da página. Eu também não gosto de progressistas. Mas eles são pessoas normais, não zumbis maus.

E, apesar de todas as suas falhas, nosso mercado de ideias ainda pode aprender que o progressismo é uma maneira de a classe dominante se sentir importante apoiando o governo.

## Uma micro-história da evolução da mídia

Encontrar os hinos e fórmulas nas ideias progressistas é um excelente exercício crítico para os curiosos. Eventualmente, fica fácil e repetitivo, mas pode ser um desafio num primeiro momento.

E uma boa teoria deve sempre estar resolvendo mais mistérios. A explosão do progressismo no início dos anos 2010 é coincidente com o surgimento das mídias sociais. Os dois provavelmente estão conectados. Quão conectados? É uma boa desculpa para rastrear a evolução do *woke* (despertar).

A história começa com duas tendências simultâneas: a mudança do baseado no site para a descoberta social e o surgimento de sites de novas mídias que conectaram a análise



diretamente ao processo editorial.

Embora essas mudanças não aumentem a vantagem competitiva dos hinos despertados nas notícias, elas aumentaram enormemente a eficiência evolutiva do mercado. Os algoritmos inescrutáveis instantaneamente sentiram o poder latente do *wokeness* e o amplificaram; e como foi amplificado, estimulou ainda mais a demanda do mercado. A evolução das ideias, antes uma preguiçosa onda de opiniões e críticas, tornou-se um laço viral instantâneo. Darwin começou a moer seu Adderall.

Ainda não é fácil prever o futuro do século progressista. Não começou em 2012. Não terminará em 2022. Pode não terminar em 2102. A história, sempre contingente, está cheia de intermináveis impasses áridos e reviravoltas repentinas e doentias. No entanto, nunca é demais aprendermos mais de suas causas e padrões.

## **O longo ciclo da verdade, poder e erro**

Terminamos (por enquanto) com um paradoxo em um longo horizonte. Considere este ciclo:

- *O comando intelectual da economia governa.* A opinião pública é dirigida por uma burocracia dogmática, repleta de erros generalizados, sistematicamente incapaz de mudar de ideia.
- *Um mercado livre não oficial da verdade evolui.* Este mercado não pode ser envenenado pelo poder, porque não tem poder. Desenvolve um produto de qualidade superior à narrativa oficial.
- *Uma nova elite epistêmica surge.* A velha burocracia intelectual, inteligente o suficiente para sentir sua própria inferioridade, entrega o poder ao novo mercado da verdade. Uma nova era de ouro começa.
- *A burocracia dogmática retorna.* Lenta e inevitavelmente envenenada pelo poder, a sociedade civil, outrora vibrante, ossifica lentamente em uma burocracia dogmática, desenvolvendo mentiras cada vez mais bonitas até que o erro generalizado volte a ser a norma.

A civilização ocidental tem repetido essa história várias vezes pelo último meio milênio. Em cada etapa do ciclo, não há uma maneira clara de impedir a próxima.